

A doença e o poder

■ Estresse, agitação, descuido com a saúde e ilusão de onipotência expõem políticos ao risco de desafiar limites físicos

GILBERTO NEGREIROS E
RODRIGO MORAIS

Uma pneumonia, antes reduzida pelos médicos a simples gripe, obriga o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) a guardar repouso em um quarto do Hotel Maksoud, em São Paulo, longe do posto de onde comanda, em Brasília, a principal força aliada do presidente Fernando Henrique. Para o psiquiatra Alfredo Castro Neto, não há dúvida: o excesso de trabalho e de responsabilidade, que causam estresse, estão geralmente associados ao poder. "Por isso, são comuns os distúrbios psicossomáticos", afirma.

É um problema. Afinal, para os políticos, doença é limite da condição humana, que não se expõe a adversário e nem a eleitor.

A história republicana é pontilhada de momentos em que a doença penetra nas frestas do poder e às vezes até modifica o enredo político. Já nos primórdios da República Velha – conduzida pelas oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, até serem varridas pela Revolução de 1930 –, o afastamento do presidente Prudente de Moraes para extrair cálculos da bexiga mostrou que saúde é requisito essencial do poder.

Maldição – Prudente pediu licença do cargo em dezembro de 1896. O vice-presidente Manuel Vitorino assumiu e achou que a cadeira de titular era sua. Anunciou uma reforma ministerial e pôs em prática um programa de governo que não levava em conta a interinidade.

Prudente só conseguiu retomar o lugar de Vitorino em 1897, quando a revolta de Canudos clamava pelo pulso firme de um presidente efetivo. Os cálculos da bexiga inauguraram a maldição do vice, visto como usurpador à espreita de uma chance de glória.

O estresse e a falta de limites gerada pela sensação de onipotência também são apontados pelo médico Alex Botsaris como as principais fontes de doenças relacionadas ao exercício do poder. Clínico geral e também especialista em acupuntura, Botsaris destaca as doenças mentais como um dos grandes riscos da política.

"Ele surtou" – Um exemplo disso seria o ex-presidente Fernando Collor, que na opinião do médico teve problemas relacionados à posição que ocupava. "Ele surtou", atesta Botsaris, referindo-se ao período em que Collor esteve na presidência. "Quem não é equilibrado perde a noção de realidade. Foi o que ocorreu com ele."

Há outros políticos que perdem a noção dos limites da capacidade física. Botsaris aponta como exemplo o deputado Luís Eduardo Magalhães, filho do senador Antonio Carlos, que morreu precocemente, em abril de 1998, aos 43 anos, de ataque cardíaco. Fumava demais e, além de estressado, segundo Botsaris, era uma pessoa que "não queria parar nunca e não se alimentava bem".

Mal oculto – O senador Petrólio Portela morreu em 1980, do enfarte que sofreu no Balneário Camboriú, em Santa Catarina, e ocultou até chegar a Brasília. Acreditava que seria o primeiro presidente civil pós-autoritarismo. Suas credenciais tinham sido exibidas na missão de aplainar o caminho para a abertura política, no fim do governo do general Ernesto Geisel, e na condução, como ministro da Justiça do também general João Figueiredo, da anistia e da reforma partidária.

Tancredo Neves acrescentou um tom de fatalidade à galeria, ocultando um tumor no intestino e suportando dores terríveis, até a véspera da posse. Na noite de 14 de março de 1985, horas antes de subir a rampa do Palácio do Planalto para pôr em prática uma nova obra de engenharia política, iniciou a agonia que teria desfecho em 21 de abril, no Instituto do Coração (Incor), em São Paulo.

O estresse, explica Botsaris, faz parte do funcionamento do

corpo humano e "prepara as pessoas para fugir ou lutar". Os políticos estão especialmente expostos a situações estressantes. Quando não há uma forma de extravasar, o organismo sofre. "É uma quantidade absurda de adrenalina. Se ela não é desgastada, toda a explosão se faz contra o corpo", adverte.

Sob pressão – Em novembro de 1955, Café Filho, o vice que assumira um ano antes, em meio à tragédia do suicídio de Vargas, foi pressionado pelos militares a entrar no golpe para impedir a posse de Juscelino Kubitschek, recém-eleito. Teve um enfarte e acabou destituído por um contragolpe desfechado pelo general Henrique Lott. Anos depois, em 1969, nova pressão militar seria exercida sobre o marechal Costa e Silva,

que lutava para apagar da biografia a mancha do AI-5, ato que inaugurou os anos de chumbo. Uma trombose impediu que Costa e Silva levasse adiante o projeto de reconduzir o país ao regime constitucional.

O psiquiatra Alfredo Castro Neto explica que o estado de tensão constante causa males ao órgão mais frágil do organismo, o coração, que chama de "órgão de choque". Mas se a pessoa tiver tendência a problemas de pele, eles surgirão. E o mesmo ocorrerá em relação ao pulmão ou ao estômago, por exemplo. Do ponto de vista psíquico, enume um enfarte e acabou destituído por um contragolpe desfechado pelo general Henrique Lott. Anos depois, em 1969, nova pressão militar seria exercida sobre o marechal Costa e Silva,

No coração – Último presidente da ditadura, o general João

Figueiredo enquadrava-se no gênero pavo curto. Teve o mandato presidencial mais longo da história republicana – seis anos que incluíram uma metamorfose produzida pelo poder. Quando assumiu, tinha postura atlética, erguia halteres e passeava a cavalo. Ao deixar o governo, mostrou-se amargo e queria ser esquecido. Os problemas físicos, que começaram com um enfarte em 1980, e se agravaram com complicações de coluna, depredaram Figueiredo até a morte, no fim do ano passado.

A somatização – que o psiquiatra Alfredo Castro Neto aponta como risco do estresse a que são submetidos os políticos – pode ter vitimado Sérgio Motta, o amigo pavo curto a quem o presidente Fernando Henrique entregou o Ministério das Co-

municações. A língua impiedosa e o corpo avantajado se fundiam no apelido Serjão. Escolhido para dirigir o programa de privatização das telecomunicações, morreu de infecção bacteriana no pulmão em 1998, sem concluir a tarefa.

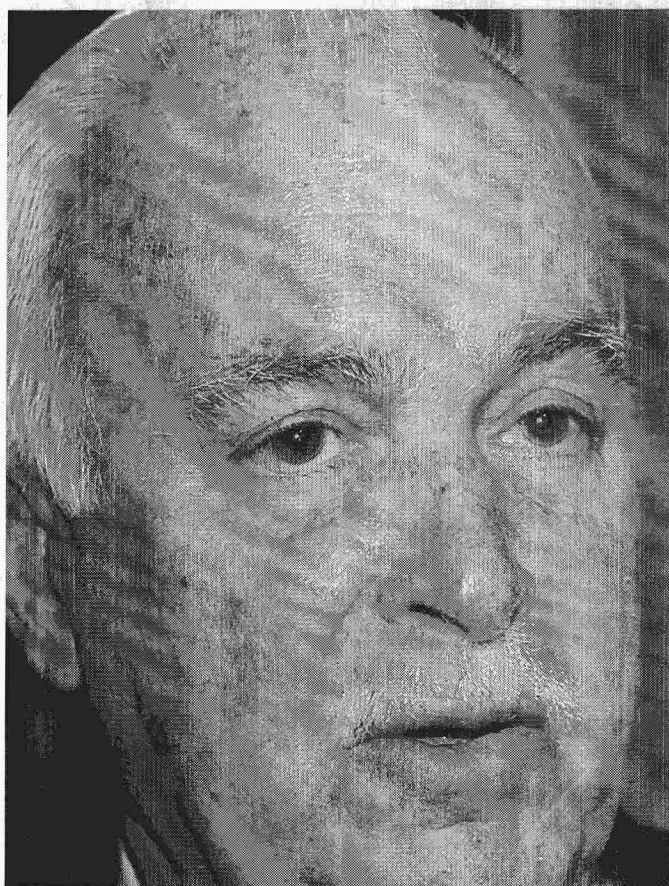
Exceção – Se existe exceção confirmadora da regra, ela foi encarnada durante décadas pelo senador Amaral Peixoto. Genro de Getúlio Vargas, ele esteve por 40 anos no centro de todas as turbulências políticas que varreram o país. Mesmo assim, nunca perdeu o jeito manso cheio de astúcia, que era a marca do antigo PSD. Já em fim de carreira, travou com o então governador Chagas Freitas uma batalha pela hegemonia política no Rio de Janeiro. Dona Alzira, sua mulher, dizia que as crises eram para ele uma espécie

de tônico revitalizante.

Amaral Peixoto ria muito. E o riso, afirma Castro Neto, é um dos melhores remédios para uma vida longa e saudável. "Toda vez que alguém deixa de sorrir, um órgão chora", garante o médico. Expressar os sentimentos é fundamental. O controle excessivo das emoções, assim como o temperamento explosivo, não contribuem para a saúde.

Às vezes, entretanto, uma pessoa pode precisar do estresse para amenizar o que o psiquiatra chama de *psicalgia*. Em outras palavras: a dor interna, como a causada pela depressão. "Mas os políticos exageram. E correm grandes riscos", conclui.

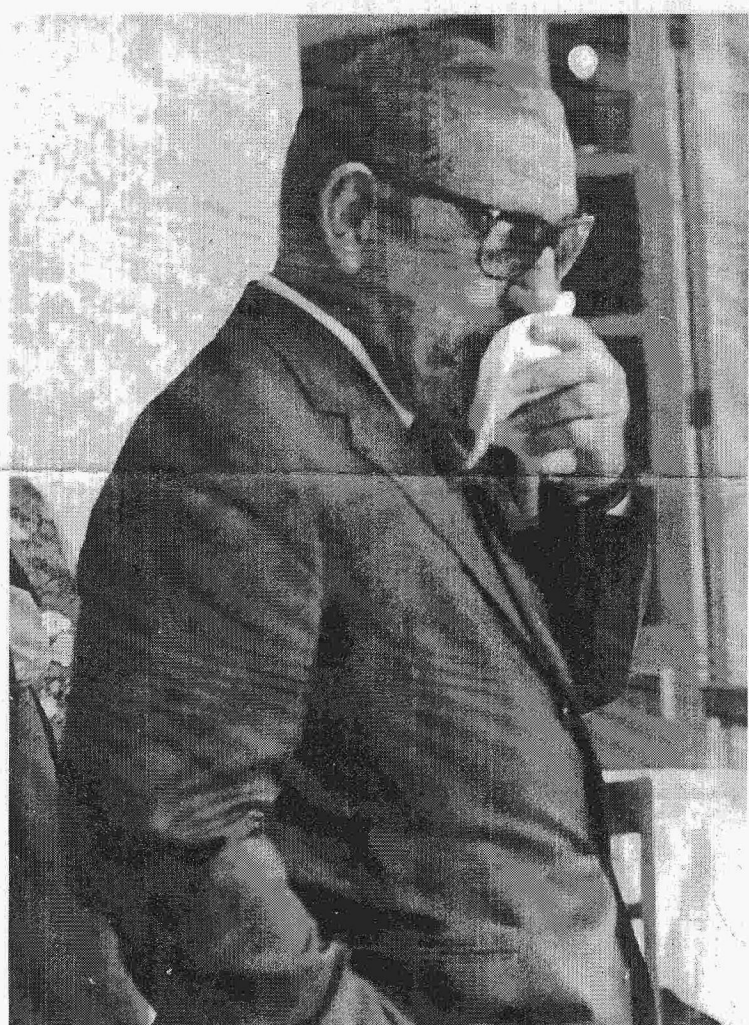
Médico adia alta de ACM, na página 5



ANTONIO CARLOS MAGALHÃES

Estresse rendeu pneumonia, que encerrou senador num hotel de São Paulo

Arquivo – 18/2/67



FERNANDO COLLOR

Um presidente que "surtou", diz o médico, pois perdeu a noção de realidade

Divulgação/Gervasio Batista – Abril/1985

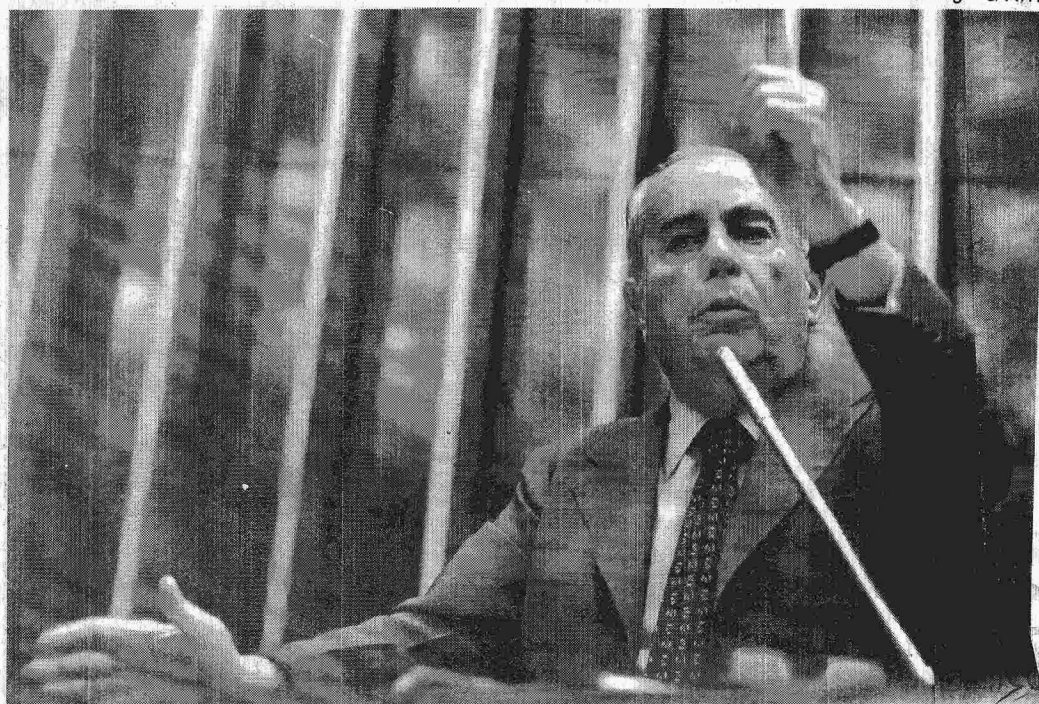


COSTA E SILVA

Radicalismo do regime militar, iniciado com Ato 5, abateu general-presidente

TANCREDO NEVES

Doença assustou o país, pois parecia conspirar contra sonho da democracia



Sonia Reg – 8/11/72

AMARAL PEIXOTO

Uma exceção: em vez de desanimar, ele se revitalizava com as crises políticas

Gilberto Alves – 25/8/91



LUÍS EDUARDO MAGALHÃES

Nunca ligou para os limites físicos: consumia dois maços de cigarros por dia

Gilberto Alves – 31/3/98



SÉRGIO MOTTA

Emocional e de pavo curto, ministro foi exemplo típico do político explosivo